

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

DR. LUIZ DE NOVAES

N'uma das occasiões mais criticas do nosso espirito, em que innumeradas solicitações desencontradas nos assaltam, fazendo ainda minguar a pequenez do tempo de que dispomos, foi quando o redactor principal da «Lagrima» se lembrou de nos propor a biographia (?)—tudo menos isso—um ligeiro perfil do caracter moral e intellectivo de uma illustre personalidade de Barcellos, do dr. Luiz de Novaes, de quem seria preciso dizer muito e bom para produzir um esboço apreciavel.

A individualidade do dr. Luiz de Novaes é das mais caracteristicas e impõe-se ao respeito e á admiração de todos pela aliança intima que manifesta de um espirito bem equilibrado, frio e recto, com um coração de ouro em que só transluzem sentimentos nobres.

O dr. Luiz de Novaes tem uma intelligencia lucida, servida por um estylo primoroso.

A sua razão, que exerce critica desafogada no meio de seus conhecimentos variados, é incapaz de transigir com uma linguagem menos cuidada.

Advogado de primeira ordem é ao mesmo tempo um escriptor vernaculo.

Quando expõe as suas luctações sobre jurisprudencia ou sobre tabellionato, cuja profissão tambem exerce com a maxima d'istincção, fal-o n'uma redacção atrahente e concisa, accessivel a todas as intelligencias e em portuguez de lei.

O seu coração bondoso acha-se bem na esphera da sua integridade moral.

Alma aberta a todas as acções generosas, desforra-se bizarramente com as considerações da sociedade que o cerca.

Sendo um amigo dos mais dedicados de Barcellos, tem tambem a consagração do povo d'esta villa que o estima e venera.

E' um chefe de familia modelo e n'este ponto frisamos o poder da hereditariedade, porque se de uma virtuosa mãe, a ex^{ma}. sr.^a D. Francisca Emilia d'Abreu Couto herdou a proverbial bondade,

de seu illustre pae, o nosso estimavel amigo sr. Manuel Ignacio de Amorim Novaes, herdou a sciencia de educar e de quem ha tempos disse o abade Paes se devia formar uma Universidade collocando o sr. Manuel Ignacio como primeiro lente.

A «Lagrima» presta esta pequena mas sincera homenagem ao distinctissimo filho de Barcellos.

METAMORPHOSES ANIMAE

E' evidente que o homem tende a desaparecer da superficie da Terra, e embora as estatisticas mostrem um certo augmento de nascimentos isso nada prova contra o que nós pensamos da metamorphose do homem.

O grande naturalista Darwin sustentou com argumentos irrefutaveis que o homem descendia do macaco, não sendo mais do que um macaco no mais elevado grau de perfeição, e ainda que muitos pretendam destruir esta theoria, o que é certo é que muitos homens conservando os habitos legados por nossos avós são uns verdadeiros macacos na imitação, caracteristica da raça.

Se a historia é a mestra da vida, como diziam os antigos, nós vemos que o homem fatalmente ha de cair quando chegado ao seu auge, assim como ruíram outr'ora os grandes e poderosos imperios romano e do occidente, e modernamente o triste deportado de Santa Helena.

Diz-se que o homem vae n'um adiantado caminho da civilisação, o que vem em abono da nossa theoria, porque mais perto está de chegar ao limite que marca a sua existencia como homem.

Voltando-nos para o que actualmente observamos, vemos o sabio allemão Luiz Kuhne, fazendo o tratamento dos seus doentes com vegetaes, e como diz o «Pimpão»:

.....
*E' convence os mais casmurros
 De que o alimento dos burros
 E' o que presta aos humanos.»*

Assim temos que o homem, ao contrario do



que se tem affirmado, é só herbivoro. Isto não quer dizer que a transformacão vá já segura de si, mas contudo é um passo muito importante para a metamorphose animal. E não temos nós os materialistas a affirmar que a materia não se destroe, e dá origem a novos seres, chegando até a dizer que os bons ou maus instinctos dependem da materia que formem o anterior animal? Não se pode pois duvidar que a evoluçãõ, por maior ou menor espaço de tempo, venha a ser completa attentas as manifestas tendencias que mostramos para perder o que classifica o homem, como o mais nobre de todos os animaes.

Ha homens que ao seu nome juntam o appellido—Camello, Lobo, Leão, Alho, Pereira, etc. etc. A outros diz-se-lhe é um banana, é um porco, vermelho como um tomate, fresco como alface, etc., e ainda n'uma d'estas noites no campo da Feira um individuo imitava, com grande gaudio, o zurrar d'um burro!

Eis pois provada a nossa these. O homem aperfeiçoando as outras raças, trata de fazer desaparecer a sua.

O systema vegetariano de Luiz Kuhne é pois a terminacão mais rapida do homem, apressando a sua metamorphose.

* * *

Ha dias, ao anoitecer, correu pela villa que uma alma penada (um padre na supersticão popular) prégava um sermão na torre da Collegiada. Grande alvoroço, grande borborinho, e afinal éra tudo pouco mais de nada.

Foi o caso d'uma penitente (ignoramos-lhe a idade) pedir a um reverendo para a ouvir de confissão. Aprazada a hora, foram para a Collegiada. O Zé da Mãe que ha de ser sempre um maroto, como ignorava aquella confissão, deu as «Ave-Marias» e fechou a igreja. Terminada a confissão não havia por onde sahir, e o reverendo que não via outro modo de fazer conhecida a sua prisão subiu á torre e começou a berrar.

Um indigena que vinha da ponte ouvindo os gritos, phantasiou logo um duende, ao mesmo tempo que as creadas do sr. dr. Miguel corriam a chamar o Zé da Mãe para soltar os *pombinhos*.

Sucia de tres o biabo a fez. Quatro são os sucios que entram n'esta pandega, mas não ha inconveniente em que um figure de diabo.

São elles o *Bicha*, o *Velhinho*, o Ventura e o *Libra*.

O *Bicha* teve de ir a V. Cova em serviço judiciario, porque se não come á mesa do orçamento, alimenta-se dos pingos dos processos, e para ir a pé era massante, para ir de carro ficava caro. Arranjou mais dois companheiros pagando cada um a sua parte, e para maior economia alugaram o carro do *Libra*. Uma insignificancia a

cada um dos tres, e uma riqueza para o *Libra* que com pouco se contenta. Verdade seja que no contracto entrava uma fartadella de vinho, até se lhe chegar com o dedo.

O Balthasar, de Villa Cova, com a adega cheia franqueou a malga aos quatro que bem tiraram a desforra das zurrapas que por ali se vendem, e como era bom e barato foi até cairem no chão dormindo a sua somneca para a coser.

O Ventura que é um rapaz divertido, e tanto que á Banda Barcellense onde era pratilheiro tendo recebido uma boa esmola, fez o mesmo que os peixes fazem ao anzol depois de comerem a isca, foi o primeiro que acordou. Salta para a boleia do carro e segue caminho da villa deixando os companheiros a dormir, e veio até S. Pedro, onde ficou esperando-os. D'ahi a pedaço chega o *Velhinho*, que toma o logar do cocheiro e vêm ambos até á Capucha, abandonando ahi o carro, e vindo a pé até Casal de Nil. Chegou ao *Libra* a vez de acordar, e por signal muito atrapalhado por se ver sem carro, sem burros e sem companheiros. Apesar de se dizer—quem tem burro e anda a pé mais burro é—a força das circunstancias obrigou-o a ser mais burro, e tão cego vinha que não viu o carro parado na estrada, quando por elle passou. Encontra o *Velhinho* e intina-o a ir-lhe buscar o trem. Foi, mas taes cousas fez, que de novo abandona o carro no campo de S. José ficando uma arvore entre os burros!

E o *Bicha*? Menos avinhado foi fazer o serviço e quando voltou viu-se só, tendo portanto de palmilhar o caminho a pé, mas durante o percurso veio sempre a chamar pelos tres, de que resultou ficar com a voz estragada. Parece mesmo um rouco.

Pela posta interna recebemos a carta, que transcrevemos em seguida, e que prefaciamos em poucas palavras e em poucas linhas.

Agradecendo a amabilidade do nosso amigo Bernardino Antonio Pereira, temos por dever dizer-lhe, que não foi nossa intenção inclindrar-lhe o seu character nem chasquear da sua pessoa; noticiamos apenas um desastre como outro qualquer, e bem mais extraordinario do que o succedido ao mestre Contenças. ¿Não acha? ¿Pois quem é, que teria a coragem de investir contra um barcellense, que todos apreciam e estimam, que sabe ser velho com os velhos, novo com os novos, decano dos amadores da arte d'Enterpe aqui n'esta villa, aonde as philarmonicas se reproduzem como os mosquitos trombeteiros em noites d'agosto? ¿Pois teriamos nós a infeliz pretensão de exauctorar o antigo corneta-mór do batalhão de Voluntarios de Barcellos em 1848, distincto corneta de chaves da antiga banda de muzica Barcellense, empregado, conscio dos seus

deveres, no fôro administrativo d'este concelho por dezenas de annos, pareceiro impagavel n'uma boa *taina* pela sua verve quente, apimentada e picareasca? Isso não; nunca!

Fique descansado o nosso amigo, que a «Lagrimeira», não escalda niuguem e muito menos aquelles a quem ella presa, e admira; e n'este caso está o auctor da epistola, que prefaciamos. E' certo que os factos não são pessoas; quem não quer ser lobo... não lhe veste a pelle. Ponto final:

«...Sr. Redactor: As cãs que alvejam na frente d'um homem seja qual fôr o seu character, devem sempre respeitar-se.

O jornal de v. insere no ultimo numero algumas *piadas* á minha pessoa, suggeridas pela sua finissima verve, mas que pouco me attingem pois os factos não se deram conforme v. relata.

Devia poupar-me. A minha idade tem jus a isso.

O jornal de v., cujo feito é todo humoristico, encontrará nos novos assumpto mais aproveitavel e em que mais realce a sua jocosidade.

V. olhe os meus annos, e pouse a penna.—
De v. etc.—Bernardino Antonio Pereira».

MYOSOTIS

A' MINHA IRMÃ

A Ti, Flor.

*Dentro do peito
tenho um altar,
aonde, crente,
eu vou orar.*

*E de mãos postas
a esse Deus
lhe peço, escute
os votos meus.*

*Ah! Tu bem sabes
o Deus quem é,
a quem adoro
com viva fé.*

*E' a ti que rogo,
com vivo ardor,
que não olvides
o nosso Amor.*

Coimbra, 13—6—96.

DA MESQUITA.

O sr. dr. Ramires e a «Lagrimeira»
Disse-nos pesaroso o Preguiça que o nosso amigo sr. dr. Ramires se despedira de assignante da «Lagrimeira» por ella, a rir, se ir mettendo en politica.

O nosso empregado é sério, e tanto que tendo sido, até hoje, entregador do «Commercio de Barcellos», progressista, «Folha da Manhã», regeneradora e da «Lagrimeira» incolor, nunca manifestou mais sympathia por este ou por aquelle.

E' um rapaz que não mente, e, assim, acreditamos que o sr. dr. Ramires, de quem um velho politico disse—que era um *homem grande para as cousas pequenas*—fizera uma despedida pouca airosa á «Lagrimeira», que tanto serviu para o illustre advogado fazer cavallo de batalha, apregoando suas phrases anti-camararias e *impoliticadas*, em passadas sessões...

A «Lagrimeira» de hontem é a mesma de hoje...

E fique sabendo que—quando uma Camara qualquer se descure dos interesses locais apresentando um todo comico, quando, qualquer individuo semelhe um saltimbanco sendo hoje progressista para amanhã ser regenerador, ou se apresente a desvirtuar o merito dos outros para salientar a sua pequenez—a nossa «Lagrimeira» terá, n'esses casos, *meza* abundante... fazendo *politica de verve*...

O dito do sr. dr. Ramires offendeu-nos.

Uma vez Estevam Colona foi cercado n'uma guerra pelos inimigos que lhe apontaram as bayonetas ao peito dizendo ironicamente: «?Onde está agora a tua fortaleza?» «Aqui», respondeu elle, pondo com altivez a mão sobre o coração.

O sr. dr. Ramires, hontem nosso amigo e conselheiro, é o tal inimigo que nos aponta as bayonetas da sua má fé contra a nossa dignidade dizendo: «A «Lagrimeira» a rir é politica». «Jamais, respondemos nós, porque nunca *viramos a casaca ao ideal da imparcialidade* que propozemos manter».

E desculpe-nos o amigo a franqueza.

DA APULIA

Foi visto, n'esta praia, o sr. José da Botica em chinellos de pau, chapéu branco e oculos na ponta do nariz.

* O Juca, ourives, deu aqui, no passado domingo, um concerto de flauta em beneficio dos pobres entrevados da freguezia.

Foi muito applaudido.

* Em uma das noites passadas o Secundino e o dr. Leão encarregaram-se d'acender a iluminação publica.

* Um caçador, conhecido, tem andado a fazer constar ás sete partidas do mundo, que foi á Povoá matar 24 codornizes, uma lebre e 82 coelhos, quando sómente lá matou um amigo que lhe deu de jantar.

* No sabbado passado, contava-se entre os hospedes que jantavam no hotel da Capazoria, o sr. José da Botica. Ao *dessert* entrou na sala o sr. Antonio Araujo, que ao deparar com aquelle ca-

valheiro não pode deixar d'empunhar um copo de verdasco e felicitar os assistentes por terem no seu seio o decano dos praticantes de pharmacia de Barcellos. «Amigo José, disse o sr. Araujo, *ser grande é ser assim*, tu, que tens prestado relevantissimos serviços á sociedade, éras digno que te erigissem uma estatua n'um dos centros de Barcellos: Fonte de Baixo, Barreta ou Pecegal. Tu, que já tens sido mestre, porque já *ensinaste* o Compra a ser ferretá, quando tu és um coração aberto, como o podem ali dizer o Secundino e Zé Mathias, porque nunca recusaste o teu obulo para qualquer festa de caridade. Tomem ar e vamos a *afinar*. (Pequeno descanso). Amigo José: completei hontem 47 annos, quando já devia ter morrido á 49, pois que essa pleiade de rapazes do meu tempo, como Alberto e Antonio Malheiro, José Maria Filippe e José Celleiro, dormem á muito o eterno somno. Mas José, leve o diabo paixões e vamos mudar de conversa. Meus senhores: biographar o José da Botica não é cousa de nenhuma meia hora e como talvez já me esteja a tornar massador para com v. ex.^{as}, termino, pedindo um viva entusiasta ao José—viva o José da Botica!»

O sr. José agradeceu commovido a manifestação de que era alvo e pediu licença, uma vez que ali se achava presente o sr. dr. Leão, para fazer uma dissertação sobre o emprego da santonina nas fôrmas das bichas. Os apoiados e as palmas echoaram em toda sala. Terminada que foi, o sr. dr. Leão foi abraçal-o, como querendo provar aos assistentes que o sr. José tinha andado bem no que tinha dito.

O sr. Araujo fez, ainda, algumas perguntas ao sr. José sobre o impedimento das vias, e deu-se por satisfeito com a resposta dada, pedindo um viva ao povo de Alvellos, terra natal do illustre praticante de pharmacia. Foi muito correspondido.

Em seguida o Juca disse que se encontrava ali como correspondente de Barcellos para o «Jornal de Noticias» e não podia furtar-se a tomar parte na manifestação feita ao sr. José, e portanto não só brindava á elle, como ainda ao sr. João Candido.

Houve ainda mais alguns brindes dos quaes destacamos um feito pelo José Mathias ao sr. Pires Cagal-o, que apezar d'ali se não achar presente se encontrava na praia.

Uma salva de palmas barulhou na sala e foram ouvidos repetidos vivas ao sr. José da Botica, que em seguida foi acompanhado ao quarto por todos os assistentes.

* Na noite de domingo houve em Fão grande regosijo: vivorio, muzica, fogo, etc., devido sómente, á collocação de dous candieiros da iluminação publica. Então perguntamos, que deveremos nós fazer quando o José da Graça fór tomar posse do logar de Juiz de Paz, da freguezia de Goios, para que vae ser nomeado?

NOTICIAS DIVERSAS

—«Ao Bobó, que diz ser lento
Em charadas decifrar,
Offereço-lhe esta e aposto
Que o vae fazer pensar:

Têm rabinho e barbatanas,
Nadam melhor que ninguem,
São pescados ao anzol
E á chumbeira tambem.

Na sua forma variam,
No seu tamanho tambem,
Uns são delgados e curtos
Outros compridos e bem:

—«Já decifrei, meu amigo,
Está bem feita e com graça,
Custou-me, mas atinei:
Ou é semente ou pão de praça».

* O bombardino pertencente ao sr. Francisco do Felix, que desde ha muito soffre os incommodos d'uma bronchite chronica, vae em via de convalescença, devido ao uzo de vinho mosto.

«Mais vale tarde que nunca», embora digam: «O que o berço dá a campá o tira.»

* Partiu para o Porto o Silva Chuchado do Monte Carmo Calote.

NOTAS DA QUINZENA

O Secundino foi para a Apulia e deu a chave ao Falcão que por seu turno a confiou ao carpinteiro Salgado.

A chave era da arrecadação da Santa Casa. Foram precisas batatas, porque ha doentes que gostam d'ellas como os inglezes.

Conseguiram-se, por o Salgado apparecer, embora com alguma difficuldade.

Algumas batatas estavam grelladas, o que era prejuizo para a Santa Casa.

Da grellação d'ellas emmaranharam-se uns ditotes que envolveram, n'uma meada, a distincta e benemerita Superiora da Misericordia e o Secundino—que por signal se affligiu muito.

Remedio efficaz, com seguro exito, para terminarem questões, por enquanto, na Santa Casa.

O Falcão sae, de vez, de gerencias de Irmandades, porque tem negocio; o Salgado ganha bem a vida trabalhando, não precisa de Hospital ou Asylo, e o meu amigo Secundino faz á St.^a Casa, Recolhimento do Menino Deus, Associação dos Bombeiros Voluntarios o mesmo que fez á Tuna, mandadas á *Tabúa*...

¿O publico que *grasinou* advinhando que a «Lagrima» não fallava na questão, está satisfeito?